

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-
TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

VALDÊNIA DE ASSUNÇÃO ARAÚJO

***As tonalidades afetivas na perspectiva da clínica Fenomenológico-
Existencial***

BELO HORIZONTE
2021

VALDÊNIA DE ASSUNÇÃO ARAÚJO

***As tonalidades afetivas na perspectiva da clínica Fenomenológico-
Existencial***

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt- terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

BELO HORIZONTE
2021




UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE
EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

A IMPORTÂNCIA DAS TONALIDADES AFETIVAS NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL
VALDÊNIA DE ASSUNÇÃO ARAÚJO

monografia defendida e aprovada, no dia **sete de agosto de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais consuída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista- Orientador
FAFICH/UFMG

José Paulo
Giovane 
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 27 de julho de 2022.

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 27/07/2022, às 15:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso**,
Professora do Magistério Superior, em 28/07/2022, às 10:17,
conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do
[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1636725** e o código CRC **6672E8CE**.

Referência: Processo nº
23072.240739/2021-47
SEI nº 1636725

150 Araújo, Valdênia de Assunção.
A663t As tonalidades afetivas na perspectiva da clínica
2021 fenomenológico-existencial [recurso eletrônico] / Valdênia
de Assunção Araújo. - 2021.
1 recurso online (25 f.) : pdf
Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista .

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Afetividade. 2. Humor (Psicologia). 3. Psicoterapia.
4. Fenomenologia existencial. I. Evangelista , Paulo
Eduardo Rodrigues Alves. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

RESUMO

De acordo com a fundamentação teórica da abordagem fenomenológico-existencial, as tonalidades afetivas, também chamadas de humor, representam uma característica ontológica do ser humano, ou seja, a condição de abertura no mundo e nas relações, permeada sempre por tons afetivos. Portanto, nesta monografia, buscou-se entender a importância das tonalidades afetivas para o exercício do psicoterapeuta amparado por esta abordagem. Primeiramente, retoma-se conceitos fundamentais da fenomenologia-existencial como Dasein, ser-no-mundo, ser-para-a-morte, entre outros, dando ênfase ao conceito dos humores, utilizando como referência os filósofos Heidegger e Sartre. Posteriormente, para conhecer sua relevância na práxis da psicoterapia, abordou-se um dos primeiros fenomenólogos clínicos, Medard Boss, em seguida a percepção de pesquisadores desta temática atualmente. Para realizar este percurso, realizou-se uma revisão bibliográfica, que confirmou a importância de o psicoterapeuta entender sobre as tonalidades afetivas, uma vez que são inerentes à vida humana, presentes no seu modo de estar em contato e afinado com o que e quem está ao seu redor e, portanto, permeiam a relação terapêutica e o desdobramento da psicoterapia.

Palavras-chaves: Tonalidades Afetivas, Humor, Psicoterapia, Fenomenológico-Existencial

ABSTRACT

According to the theoretical foundation of the existential-phenomenological approach, attunements, also called humor, present an ontological characteristic of the human being, that is, the condition of openness in the world and in relationships, always permeated by affective tones. In this monograph, we sought to understand the importance of attunements for the exercise of the psychotherapist supported by this approach. Firstly, fundamental concepts of existential-phenomenology such as Dasein, being-in-the-world, being-towards-death, among others, are resumed, emphasizing the concept of moods, using as reference the philosophers Heidegger and Sartre. Later, in order to know its relevance in the praxis of psychotherapy, one of the first clinical phenomenologists Medard Boss was approached, followed by the perception of researchers on this topic today. To carry out this journey, a literature review was carried out, which confirmed the importance of psychotherapists understanding about affective tones, since they are inherent to human life, present in their way of being in contact and in tune with what and who is in the around them and, therefore, permeate the therapeutic relationship and the unfolding of psychotherapy.

Keywords: Attunements; Mood; Psychotherapy; Phenomenological-Existential

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	12
2 TONALIDADES AFETIVAS NA FILOSOFIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	15
2.1 Entendimento de Tonalidades Afetivas em Heidegger	15
2.2 A Compreensão das Emoções em Sartre	18
3 DASEINSANALYSE: A TERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	21
4 TONALIDADES AFETIVAS NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

As tonalidades afetivas são características ontológicas dos seres humanos. Manifestam-se cotidianamente no que chamamos de humores ou afetos. Elas propiciam a afinação da pessoa com o mundo e os outros, assim como modulam o modo de perceber os fatos que lhe ocorrem. Encontra-se a explicação para este conceito, na abordagem fenomenológico-existencial, que tem como referência o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), mais especificamente, em sua obra amplamente conhecida *Ser e Tempo*, publicada em 1927, na qual dedicou-se à ontologia fundamental.

O filósofo tinha a pretensão de fazer uma revisão crítica da Metafísica (Ontologia) ocidental e que perdurará por toda a sua vida:

Ser e Tempo, por sua vez, veio a exercer grande influência na psicologia, devido à renovada concepção de ser humano que apresentava. Numa época em que predominavam a psicanálise e o comportamentalismo, a psicologia influenciada por Heidegger, que viria a ser conhecida como fenomenológico-existencial, procurava entender o homem em seus próprios termos, descartando analogias naturalistas e mecanicistas e enfatizando a liberdade ou a autonomia do homem. (ROEHE; DUTRA, 2014)

Ao contrário de propor uma abordagem teórica pautada em respostas condicionadas, ações direcionadas a projetos pessoais, ou apoiar-se pela dinâmica do inconsciente, Heidegger enfatizou a experiência das possibilidades encontradas no mundo.

O filósofo influenciou a psicologia a pensar em uma nova ideia de ser humano, não reduzindo-o à dicotomia da mente e corpo, mas de que estar lançado no mundo é uma condição do ser humano, portanto, encontra-se aberto, em contato com o mundo e os outros, afetando-os e sendo afetado por eles, apresentando-se em um tom; ou humor.

Heidegger considera as tonalidades afetivas como algo de caráter ontológico, do sentido de originário e, por isto, pode-se concluir que estão presentes no modo singular como o paciente lida e se direciona na vida e em suas relações, afinal, ele é ser-no-mundo e ser-com-os-outros e está em constante relação.

Durante minha prática clínica, pude observar como o humor ou tonalidade afetiva apresentada pelos pacientes, estava presente na dinâmica da relação

terapêutica, viabilizando, por exemplo, a abertura para novas ressignificações ou o fechamento de horizontes, ampliando ou restringindo-as, afinal, estão diretamente relacionados à compreensão de mundo do paciente. Desta forma, torna-se fundamental para o terapeuta compreender o modo como ele manifesta o seu humor durante a psicoterapia. As observações ao longo do meu exercício enquanto psicoterapeuta contribuíram para o surgimento de questionamentos sobre a importância do humor na especificidade deste fazer. Uma vez que o cliente que busca a psicoterapia já se encontra em um determinado humor, o qual interfere na forma como este apreende o que é psicoterapia, na sua possibilidade de buscar pelo atendimento, permanecer, ampliar ou limitar sua existência, projetar-se na vida de forma aproximada de sua autenticidade, ou de arraigar-se na impessoalidade, ou alienar-se pela frenética ocupação contemporânea, de mostrar-se na nudez da sua existência, na relação terapêutica.

Conforme o exposto surgiu então a pergunta norteadora deste trabalho: **qual a implicação das tonalidades afetivas na psicoterapia a partir da abordagem fenomenológico-existencial?**

A monografia foi organizada em três capítulos: o primeiro, que trará dos principais conceitos trabalhados nesta abordagem fundamentada em Heidegger, com ênfase nas tonalidades afetivas. Para ampliar o entendimento sobre o tema também será necessário revisar a produção teórica dos autores, como de Sartre, que oferece boas ilustrações dos modos como o mundo aparece em variadas tonalidades afetivas, e Boss, figura principal na construção desta abordagem clínica fenomenológico-existencial. E, por fim, no último capítulo, apresentarei uma articulação entre os conceitos de humor e a prática clínica a partir de psicólogos pesquisadores deste tema atualmente, haja vista, que enquanto modo ontológico do ser humano é impossível separá-lo da existência, inclusive no setting terapêutico.

1 ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

A abordagem fenomenológico-existencial possui como um dos seus principais precursores o filósofo Martin Heidegger, que nomeia o homem como existência ou Dasein, considerando-o constituído por características fundamentais como: a capacidade de encontrar sentido nas suas vivências ser-no-mundo, estar em constante relação com as coisas e os outros entes, vir-a-ser, projetando-se em um mundo através das ocupações, ser-para-morte, direcionando-se para a finitude humana. Também experimenta questões existenciais fundamentais como a angústia, liberdade, morte, entre outras. As questões existenciais fundamentais são chamadas de *ontológicas*, ao passo que os modos concretos singulares cotidianos de cada existência são *ônticos*. Como explicam Roehe e Dutra (2014):

(...) o nível ontológico diz respeito ao Dasein, que é o modo de ser do homem; o nível ôntico diz respeito ao desdobramento individual do Dasein, que caracteriza cada indivíduo ou grupos humanos como, por exemplo, os brasileiros, os budistas, os psicólogos (p. 107).

Sobre a visada ôntica da existência, explicam os autores:

Na cotidianidade, o Dasein se mostra como sendo mais uma pessoa entre as outras pessoas, ou seja, vive sua vida como "fulano de tal" que tem um jeito particular de ser. Este nível cotidiano, da vida como sendo mais um entre os demais, é chamado ôntico (p. 107).

Ao retomar a temática das características ontológicas, ressalta-se a abertura, que revela o modo singular como o Dasein sintoniza-se com o que o rodeia, sendo essa sintonia o que se chama tonalidades afetivas.

Um princípio fundamental desta abordagem psicológica clínica é a capacidade de estar em contato com o cliente a partir da compreensão que ele traz sobre as suas vivências, sem conceitos preconcebidos. Para escutá-lo, busca-se uma escuta capaz de conhecer a forma singular com o Dasein vivencia seus modos e características ontológicas. Esta escuta sem julgamento é conhecida por redução fenomenológica ou *epoché*.

Em *Ser e Tempo* (2005), Heidegger traz uma contribuição fundamental: a noção do modo de ser do homem como *existência* e, esta, apenas pode ser entendida através de uma atitude divergente da que nos encontramos no cotidiano, inclusive quando dispomos de uma racionalidade científica para abordar a realidade. De acordo com Sá e Barreto (2011, p. 2):

A atitude natural, tal como é denominada por Husserl, explicita a tendência humana de considerar as coisas como elas estão postas, indiferente ao estabelecimento de sentido particular de alguém, ou seja, considerar algo a partir de uma perspectiva pronta e anterior. Amparar-se pela abordagem fenomenológico-existencial requer a suspensão desta atitude natural, portanto, realizar a *epoché*, permitindo que as coisas sejam percebidas na experiência. Segundo Sá e Barreto (2011, p. 390): “o mais “concreto” é sempre o próprio acontecimento imanente da ‘experiência’ enquanto dinâmica constitutiva de sujeito e objeto”.

Estamos inseridos no mundo e, enquanto condição ontológica, somos ser-no-mundo, em relação com as coisas e os demais entes. O entendimento da cooriginariedade de homem e mundo se dá por esta abertura originária de sentido, denominada por Heidegger de *existência* ou ser-aí (Dasein), ou ser-no-mundo.

De acordo com Sá e Barreto (2011, p. 390) “A existência não se encerra em si mesma, pela visão ou pelo tato; ela consiste na apreensão do que sucede na relação com o mundo, no encontro entre os entes intramundanos e com as demais existências.”

Heidegger chama a atenção para o modo como o homem, ser de abertura, sintoniza-se com os outros entes. Esta característica ontológica, o autor nomeia como *afinação* ou *disposição*¹ (*Befindlichkeit*), por isto, sendo permitido ao homem, relacionar-se de vários modos com os demais, como a indiferença e a angústia. Esta última, em especial, aproxima o Dasein de seu modo de ser próprio enquanto *existência*, pois, arrasta-o à sua singularidade, seu poder-ser-no-mundo.

A angústia possui uma arrebatadora função de libertar o “homem da perspectiva impessoal e objetivante da ocupação cotidiana” (SÁ E BARRETO, 2011, p. 391). Esta disposição possui um sentimento de estranheza, retirando do homem a

¹ Os vários tradutores da obra de Heidegger utilizam termos distintos, como será apresentado adiante.

sensação de segurança e nivelamento do ser encobertos pela ocupação cotidiana. Segundo Vasquez (apud SÁ e BARRETO, 2011, p. 391), desta forma, sai da decadência e lhe são desveladas a propriedade e impropriedade como possibilidades de vir-a-ser.

Heidegger (2005) diz que a existência apresenta a condição de estar-lançada na sua facticidade temporal e corpórea. Entende-se que a facticidade está aí, na existência, assim como a liberdade e, também o projeto de vir-a-ser. A liberdade lhe é condição de possibilidade de ser-situado-junto-ao-mundo e, por tanto, a historicidade não é apenas estar no tempo e determinada pelos fatos que lhe ocorrem.

De acordo com Pompeia e Sapienza (2011 p.162): “O modo do homem ser no mundo, [...] é sempre marcado por uma tonalidade afetiva. Isso implica dizer que, onticamente, na vida humana está sempre presente tudo aquilo que chamamos de afeto, emoção, sentimento”. No próximo capítulo, tematizaremos essa dimensão da vida humana cotidiana.

2 TONALIDADES AFETIVAS NA FILOSOFIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Este capítulo abordará a influência da filosofia na construção teórica da abordagem fenomenológico-existencial, explicitando os conceitos principais, com ênfase em tonalidades afetivas a partir do filósofo Martin Heidegger e, posteriormente, seu contemporâneo o filósofo Jean-Paul Sartre.

2.1 Entendimento de Tonalidades Afetivas em Heidegger

De modo geral, as tonalidades afetivas em Heidegger são a dimensão ontológica do encontrar-se sempre situado numa certa afinação. Ou seja, fazem parte da constituição do Dasein. Em alemão, o termo é *Befindlichkeit*. Onticamente, isso se dá como humores, afetos. Em alemão, é *Stimmung*. Quando compreendidas a partir do seu significado original em alemão – *Befindlichkeit* – é possível alcançar a profundidade do sentido deste termo, que significa situar-se, possivelmente em sua própria autenticidade e modo de abertura. Para Heidegger (apud INWOOD, 2002, p. 94) “[...] representa ‘encontrar-se, estar situado, localizado’”.

As traduções para português criam grande dificuldade para o estudante da psicologia fenomenológico-existencial, pois não há consenso entre os autores acerca dos termos técnicos. Em português, *Befindlichkeit* e *Stimmung* são traduzidos das seguintes maneiras:

tradutor	<i>Befindlichkeit</i>	<i>Stimmung</i>	Referência
Cavalcante	disposição	humor	<i>Ser e tempo, 7a ed.</i>
Castilho	encontrar-se	estado-de-ânimo	<i>Ser e tempo, bilingue</i>
Nunes	imersão, disposição afetiva	sentimento	<i>Passagem para o Poético; Heidegger e Ser e tempo</i>
Giacoia	estar disposto; afinação	afeto	<i>Heidegger Urgente</i>
Casanova	disposição	tonalidade afetiva	<i>Mundo e historicidade</i>
Holanda	disposição	humor	<i>Dicionário Heidegger</i>
Stein		tonalidade afetiva	<i>Que é metafísica</i>
Luft	sentimento de situação	disposição	<i>Heidegger: Um Mestre na Alemanha</i>
Duarte	afectividade	estado de ânimo, sentimento	<i>A afectividade no caminho fenomenológico heideggeriano</i>

Os humores demonstram como o Dasein percebe e é afetado pelo mundo. Utilizando a metáfora das cordas de um violão, o humor funciona como uma espécie de afinação de um instrumento musical.

Os humores não se caracterizam como estados psíquicos ou sentimentos. Não são como luvas usadas, retiradas e postas em outro local. Não são fixados no sujeito ou em objetos. Humores são como uma força que “sobrevém” a nós e às coisas, ao mesmo tempo” (SOARES, 2010)

Desta forma, é através das tonalidades afetivas que o ser-aí se abre para determinadas experiências e se fecha para outras, entrega-se à ocupação, descobre-se e se constitui enquanto existente. Também se relaciona com os demais entes, já que este é ser-no-mundo, percebe e é afetado pelo que o cerca. Para Heidegger (apud INWOOD, 2002, p.94) “O humor revela como o Dasein está e, portanto, como o conduz para ser-aí”.

Em Heidegger (2005), os humores (ou tonalidades afetivas) representam um existencial fundamental, que, por vezes, passam despercebidos. Embora mude de um estado para o outro, a existência está sempre de determinado humor.

A falta de humor constante manifesta quão enfadonha a existência é para si mesma. O mau humor, por sua vez, expressa-se como peso, embora não saiba o porquê; suas possibilidades de abertura, devido a ele, seguem restritas. Já o humor exacerbado alivia o peso revelado pelo ser. Para Heidegger (2005, p. 188) “O humor revela “como alguém está e se torna”.

Entende-se a partir ótica heideggeriana, que se há Dasein, há o estado de humor. “Na maioria das situações ôntico-existencias, o Dasein² se esquivava ao ser que se abre no humor”, porém, pelo caráter ontológico da existência, mesmo que se esquive, recairá sob a responsabilidade de existir e, é neste momento que se abre em seu ser. Isso é nomeado de *estar-lançado*, expressão que indica a facticidade de estar entregue à responsabilidade (Heidegger, 2005).

O humor não se abre no sentido de observar o estar lançado, mas envia-se ou desvia-se. Desvia-se do caráter pesado que a existência manifesta, quando se

² No original está grafado “a pre-sença”, que é como a tradutora Márcia Cavalcante traduz Dasein. Optou-se por manter o termo em alemão, dado que se tornou termo técnico conhecido.

alivia deste e demonstra a disposição. O mau humor expressa o fechamento e cegueira da existência para si mesma. Voltada para a ocupação cotidiana, precipita-se, não “vem de fora nem de dentro”, perpetua como modo de ser-no-mundo.

A disposição possui três caracteres ontológicos: o primeiro é o estar lançado no mundo; geralmente, no desvio, conforme supracitado. O segundo é o modo existencial básico da abertura, que também representa o ser-no-mundo. Por fim, a circunvisão, ou seja, o deixar e fazer vir ao encontro o mundo que se abre e o ente que aparecem. Inutilidade, resistência, ameaça, por exemplo, ocorrem porque a existência pode ser tocada neste encontro pelo que vem dentro do mundo.

Da mesma forma, o ser-aí se mostra na afecção pelos sentidos que lhe são estimulados e isto somente é possível porque é um ser humorado. Heidegger assume em *Ser e tempo* que a observação teórica sempre limitou o mundo à uniformidade, o que teve como consequência a interpretação das tonalidades afetivas como afetos e sentimentos no interior do sujeito.

Ainda sobre o caracteriza a disposição, afirma Heidegger:

A disposição é um modo existencial básico em que a o Dasein (ser-aí) é o seu aí. Ontologicamente, ela não apenas caracteriza o Dasein como também é de grande importância metodológica para a analítica existencial, devido à sua capacidade de abertura. (HEIDEGGER, 2005).

O autor enfatiza a importância das tonalidades afetivas na analítica existencial, haja vista que, nesta abertura, viabiliza a interpretação ontológica, a escuta, atendo-se às possibilidades de abertura privilegiadas e mais abrangentes do Dasein para compreendê-lo. Para ele, a interpretação fenomenológica deve propiciar para o Dasein uma abertura originária que possibilita que se interprete a si mesmo. Portanto, “acompanha esta abertura para conceituar existencialmente o conteúdo fenomenal do que se apresenta” (HEIDEGGER, 2005).

A palavra alemã *Befindlichkeit*, entre outras significações, também representa o intuito de perguntar “Como você está se sentindo” ou o modo como alguém se encontra naquele momento. Os entes que surgem na abertura de cada Dasein estão sempre permeados de um tom, há uma atmosfera neste encontro. A existência acontece em abertura ontológica, expressa pelo que conhecemos como sentimentos ou afetos. A relevância da razão para a tradição filosófica deixou os humores em lugar de pouco destaque, o que não se diferencia posteriormente, na psicologia,

colocando-os como algo interno no sujeito e, como consequência, cindindo-os entre interior e exterior.

A fenomenologia demonstra que a existência está sempre aberta ao mundo, lançada através dos humores, modos ônticos, em que o encontrar-se ocorre, cada vez próximo aos outros entes desvelados sob um clima. A existência está humorada em toda situação.

Atualmente, a psicologia preocupa-se com o controle dos afetos pela razão, experimentando o mundo pela uniformidade, fomenta o livre cultivo e transformação deles. Certifica-se aqui, então, que eles não estão sob controle do Dasein. Conforme Evangelista (2016, pg. 92), “eles atacam de repente, vêm à tona [...] modulam o desvelamento dos entes encontrados, isto é, a existência descobre-se aberta ao mundo”.

A existência está aberta no mundo seja entediada, ameaçada, triste, permitindo que os entes se manifestem destas maneiras. No cotidiano, os estados de ânimo modulam o desvelar-se entre os entes encontrados. A abertura tonalizada ameaçadoramente, por exemplo, viabiliza o aparecimento de entes ameaçadores.

2.2 A Compreensão das Emoções em Sartre

Um dos pioneiros do pensamento existencialista no início do século passado, Jean Paul Sartre (1905-1980) traz grandes contribuições para este segmento da psicologia clínica e, portanto, para tratar uma temática desta abordagem, também se torna necessário retornar na teoria deste autor, contemporâneo de Heidegger.

Em *O Esboço de uma teoria das emoções* (Sartre, 2008), Sartre faz uma análise dos conceitos e fundamentações sobre as emoções por parte de diversas teorias. Em maioria, compreendia-as como uma consciência reflexiva, ou como um estado de consciência, algo que pode ser dividido estruturalmente na psique humana. Suas análises de humores particulares os ilustram bem. Isto é importante, pois Heidegger dedicou-se apenas a três humores: angústia, medo e tédio. Assim, percorremos alguns dos afetos descritos por ele.

Sartre utiliza uma terminologia um pouco diferente da Heidegger. Fiel à Fenomenologia de Husserl, ele se refere a consciência (sujeito) e objeto, mas descreve a interpenetração de ambos. Para o autor, a consciência emocional é

irrefletida e do mundo. A emoção é desencadeada por uma percepção sobre algo, retorna e se alimenta deste objeto que lhe estimula. Trata-se, portanto, de uma forma de apreender o mundo.

A emoção é uma transformação do mundo, é a apreensão de relações novas e de existências novas e pode transformar-se para transformar o objeto. Portanto, é mudar de direção, como, por exemplo, buscar uma palavra em um caça-palavras. Porém, não percebemos estes processos enquanto ocorrem. Para Sartre (2008, p. 61.) “[...] a ação como consciência irrefletida constitui uma certa camada existencial no mundo, e que não há necessidade de ser consciente de si como agente para agir – muito pelo contrário”.

As exigências e tensões do mundo desenham um mapa que varia de acordo com os nossos atos e necessidades. A isto, o autor chama de *Umwelt*. Em uma ação adaptada as coisas aparecem a serem realizadas por certos caminhos e os meios manifestam-se como potencialidades para tal. Esta apreensão foi nomeada de “intuição pragmatista do determinismo do mundo”. É a partir deles que a intenção transcende e dirige-se aos elementos do mundo, cristalizam figuras que representam algo. Desta forma, a intenção transforma-se em conduta, apreende-se um objeto novo ou antigo de nova forma, sem partir de um processo reflexivo.

A conduta emotiva não tem como objetivo agir sobre os objetos como outras condutas, mas confere qualidade ao objeto sem modificá-lo em sua estrutura, ofertando menor ou maior existência, presença. De acordo com Sartre (2008, p. 65.) “[...] na emoção é o corpo que, dirigido pela consciência, muda suas relações com o mundo para que o mundo mude suas qualidades.”

Para o autor, o medo representa uma consciência que nega, a partir de uma “conduta mágica” ou capacidade de conferir qualidade para as coisas, que poderá aniquilar-se para aniquilar o objeto (Sartre, 2008). A tristeza passiva demonstra um abatimento, pela diminuição da vitalidade, isolamento, apresenta a ausência de recursos para realizar suas potencialidades. A tristeza substitui esta necessidade de busca pelo meio transformando o presente em uma estrutura neutra, extinguindo a carga afetiva dos afetos, impedindo que o universo faça qualquer convocação. Já a tristeza ativa manifesta-se de diversas formas e recusa-se a responsabilizar-se pela confissão, substituindo um problema por outro, como a crise emocional pelos choros e soluços ao invés da confissão (Sartre, 2008).

A alegria, por sua vez, mostra-se como uma inquietude diante a entrega daquilo que desejava, como um todo, instantaneamente, um forte encantamento e certeza, mesmo momentânea, de possuí-lo, observado pela vitalidade extravagante (Sartre, 2008).

De acordo com Sartre (2008, p. 78) “podem existir inúmeras emoções, mas deve-se admitir que elas constroem um mundo mágico, utilizando o corpo como meio para tal encantamento.”

3 DASEINSANALYSE: A TERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Neste capítulo será abordado o autor Medard Boss, um dos primeiros fenomenólogos clínicos posteriores à Heidegger e Sartre, que trouxe grandes contribuições para o entendimento da Psicoterapia Fenomenológico-Existencial. Inspirado em Heidegger, o psiquiatra Medard Boss nomeia de Daseinsanalyse, a clínica a através de uma perspectiva ôntica, pautada em questões existenciais. Boss dedicou parte dos seus estudos, aos humores. Ele "... toma para sua clínica a noção de espaço, como atmosfera do horizonte histórico que dá o tom – afetos da convivência – com o qual nos afinamos" (Feijoo, 2011, p. 30). Ressalta-se que Medard Boss teve apoio de Heidegger no desenvolvimento da Daseinsanalyse clínica, dando importância para as tonalidades afetivas.

Medard Boss, em 1988, no prefácio do livro *Angústia, culpa e libertação* reconhece sua formação filosófica amparada em Heidegger e tece suas construções teóricas amparado na Daseinsanalyse. Em seus trabalhos, destaca-se a abordagem da angústia vital, do sentimento de culpa e libertação pela psicoterapia. Também tratou de questões já pensadas por Heidegger, porém, essenciais, como a inseparabilidade do biológico e psíquico, a angústia e culpa relevantes no adoecimento e o caminho para a libertação, assim como temas como ser-doente, distúrbios psíquicos e psicossomática.

No âmbito da prática clínica, contribui para a interpretação dos sonhos, considerando válido, o sentido que o sonhador estabelece para o conteúdo sonhado. Outra temática importante em Boss são as tonalidades afetivas, escritas por Heidegger, posteriormente a 1930. Para o autor, as tonalidades afetivas determinam a maneira pela qual experimentamos o mundo e, portanto, refletem esta maneira que a pessoa se encontra em um espaço dividido com outras. São conhecidas como afinações da convivência; permeiam as suas ações e temporalidade destas.

A angústia, uma tonalidade afetiva fundamental, revela a negatividade da existência, a finitude, rompe com a facticidade do mundo e sua significância de forma abrupta, viabilizando um despertar para a abertura e realizações do Dasein em sua existência mais própria.

O tédio por sua vez, demonstra o "esvaziamento radical do tempo", as possibilidades somem e apresenta-se como uma indiferença em relação ao mundo.

No tédio profundo o desinteresse ocorre para si mesmo, não há sentido, o cotidiano, familiar se torna insuportável, “tudo é igual”, decaindo à desistência. É no tédio profundo que se tem o despertar que move para um sentido e concomitante, a tentativa de continuar adormecido.

No tédio, que também é uma tonalidade afetiva fundamental, emerge “o mais próprio Dasein: o ser-para-a-morte”, ou seja, transitório e finito. Heidegger aponta a importância de permitir que o tédio e toda a anunciação que ele pressupõe e antecipação para a morte possa ecoar no Dasein, ao invés de resisti-lo pela distração ou o excesso de ocupações. A Daseinsanalyse permite que os fenômenos da existência se apresentem como são, sem psicologismos.

O psiquiatra Medard Boss propõe como psicoterapêutica a Daseinsanalyse, na qual os fenômenos inerentes ao existir mostram-se como são. Considera o tédio como uma situação que abrange nossa época, pois o tédio é uma expressão de um contemporâneo no qual os sentidos estão voltados às determinações técnicas, esvaziando, portanto, o homem do seu sentido original, a existência.

A Daseinsanalyse apoia-se em Heidegger e propõe uma nova articulação para a Psicologia, pois, constitui-se da analítica do Dasein, voltando-se para a análise da ontologia da existência, para o eu como abertura e assume a fenomenologia hermenêutica como atitude interpretativa diante os fenômenos. Esta pressupõe uma suspensão de qualquer teoria sobre o homem, para alcançar o fenômeno apresentado pelo paciente.

A clínica daseinsanalítica constitui-se da descrição mais precisa o possível do analisando. O analista deve permanentemente atentar-se para as interpretações trazidas pelo cliente, na tentativa de “alcançar uma compreensão do que está em jogo no relato do analisando. Em continuidade, o analista precisa quebrar comportamentos ontológicos mostrados nos relatos do analisando, permitindo que a escuta abra um espaço possível para que o analisando alcance sua alteridade, abertura esta, sem traduzir, conduzir para algo semelhante a uma conscientização.

Pelo olhar da hermenêutico-fenomenológica, a questão está no aprisionamento em nossas histórias, em modos restritos que vivenciamos na nossa existência. “A tarefa de uma clínica fenomenológica consiste em quebrar o aglomerado de vivências que se dão na mistura de campos intencionais e que

provocam a quebra do fluxo do tempo do eu. E, assim, possibilitar que o instante e lugar do acontecimento se deem.”

A escuta permite ao analisando dar-se conta das suas vivências e estar diante do campo intencional, no qual o fenômeno é construído. Na narrativa fenomenológica do analisando, atenta-se ao modo como a hermenêutica-fenomenológica vai apresentando a sua tecitura, ocorre em um horizonte fundido, entre ele e o analista, viabilizando o aparecimento do analisando para si mesmo.

A atitude fenomenológica do analista não permite diagnósticos, interferências, pelo contrário, permite que o analisando ganhe e ouça a sua própria voz, seguindo o analista em uma redução fenomenológica favorecendo as interpretações de sentido daquele que estranha a si mesmo “apenas articulando quais são os pressupostos que irá combater, bem como o modo cuidadoso com que vai fazer o combate” (FEIJOO, 2011, p.35)

O Psicoterapeuta deve estar atento aos detalhes de como se dá o fato em questão e desvelando então, a estrutura do sentido que está em jogo, solicitando a descrição do que está acontecendo com o paciente, viabilizando que o fato apareça e conseqüentemente, seja reconhecido por si mesmo, então, emerge no horizonte o “mais originário da transformação”.

O analista deve considerar os horizontes hermenêuticos que sempre estarão presentes no fazer clínico. O que se interpreta são os encontros de horizontes, vistos no que se fala e se escuta, por meio de uma relação intencional. O choque de horizontes que é o próprio horizonte para o surgimento do que ocorre no encontro terapêutico.

O ser-aí que, marcado pela nadaidade e pela fragilidade ontológica, busca a estabilidade do mundo, que se constitui em um apoio, suporte e tutela. Mas é exatamente esta busca que o coloca na cadência do mundo, esquecendo-se do seu próprio ritmo, acaba obscurecendo o seu caráter de poder ser. São as situações limites que, ao entrarem na articulação do ser-aí e mundo, rompem com os sentidos sedimentados, e o vazio aparece, e no nada padece. (FEIJOO, 2011)

A angústia mobiliza o Dasein e irrompem duas possibilidades: a fuga para a tutela do mundo e retorno ao que lhe é familiar ou lança-se no poder-ser, singulariza-se, sem esta tutela. Esta discussão permite ampliar a articulação da clínica

psicológica pelo viés da fenomenologia hermenêutica de Heidegger. A articulação do ser-aí com o mundo e sua perturbação quando a desarticulação ocorre é o que também fomenta a clínica psicológica.

A transformação não se dá pela vontade dos atores envolvidos, mas por algo que desencadeia a atmosfera, capaz de mobilizá-la em seu horizonte mais originário, que para Heidegger são a angústia e o tédio, tonalidades afetivas fundamentais. Constata-se que o fazer da clínica psicológica não pode partir de teorias, assim como, a atuação clínica baseada na atitude fenomenológica, postura antinatural, que favoreça espaços de abertura para que novas possibilidades surjam.

4 TONALIDADES AFETIVAS NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Após uma breve releitura dos conceitos de tonalidades afetivas desde os autores pioneiros da abordagem fenomenológico-existencial até as constatações dos primeiros fenomenólogos clínicos, faz-se necessário compreender também como esta característica ontológica do homem é entendida pelos terapeutas que estudam esta abordagem atualmente.

A suspensão de objetivações sobre a existência e a abertura à experiência de si e do outro como ser-no-mundo, como cuidado ontológico, estão contidas na atitude clínica e possibilitam uma transformação a partir de uma reflexão de sentido. Ainda, para Sá e Barreto (2011, p. 392):

Esse novo “olhar”, essa quebra do habitual, pode ter início a partir dos estranhamentos ecoantes nas brechas de nossa existência superficial via “acontecimentos” que, ao provocarem ruptura e transição, destroçam e fundam horizontes de mundo, se e quando cedemos ao apelo dos traços fundantes e constitutivos (ontológicos) do nosso ser si-mesmo próprio e singular. Tal rompimento possibilita mudança e transformação ao abrir a crise que dissolve e leva o “aí” a constituir-se outro.

O terapeuta apoia o cliente a desvelar para si mesmo os sentidos das suas experiências, como dores, alegrias e possibilidades negadas ou restritas. Seguindo por este caminho, não se faz um direcionamento, mas uma desconstrução do que é dito pelo impessoal, desconstrução esta que possibilita mudanças, ampliando o acontecer clínico em uma experiência tematizada, fértil para receber o fenômeno que se mostra, ao invés de pretender excluir comportamentos, prescrições técnicas ou conselhos pessoais.

Ao invés de excluir comportamentos, busca-se pela psicoterapia compreendê-los na dinâmica da realização terapêutica, enquanto possibilidade de visualizar a condição ontológica do cliente de ser-no-mundo e com-o-outro.

O terapeuta não assume o lugar do conhecedor da verdade ou do caminho certo para as verdades do psiquismo, assim como não ordena, nem posiciona. Ainda para Feijoo (2012) “sua participação é decisiva para que aconteça um jogo em que o analista e o analisando abram um espaço de abertura para possibilidades que se encontram obscurecidas, possam transparecer”.

O terapeuta que está presente diante aquele que sofre, espera diante a dor que outras possibilidades aconteçam, viabilizando a reinvenção de si. Sob a perspectiva da abordagem fenomenológica-existencial, considera-se que as tonalidades afetivas abrem um espaço para que as crises emerjam, suspendendo o que está prescrito no seu contexto.

É no horizonte das inúmeras demandas como, por exemplo, a dor do projeto conjugal, frustração, solidão, abandono, exclusão, do temor ao fracasso, do cansaço, encobertos pelas determinações pré-estabelecidas. É neste horizonte histórico de sentidos que a psicoterapia favorece para que o cliente esteja articulado com o mundo histórico do qual participa e, responsável com a sua finitude, pela construção do seu vir-a-ser.

Cada horizonte histórico traz as tensões que lhe são correspondentes e estas, por sua vez, só se manifestam de formas singulares em sua existência. Ainda em Feijoo (2012, p. 982) “As crises existenciais não mais serão tomadas como algo do âmbito de uma interioridade, mas sim como determinações que se constituem em um dado horizonte histórico em que universal e singular se entrelaçam”.

A saúde psíquica não ocorre quando se conquista as verdades sobre si, mas quando as tonalidades afetivas fundamentais se encarregam de suspender o habitual e as pré-determinações hegemônicas para que possibilidades outrora encobertas transpareçam.

Conforme o exposto na expressão *às coisas mesmas* de Husserl, o fenômeno indica como poderá ser acessado. As coisas mesmas determinam seu modo-de-tratamento. A fala permite o detalhamento do compartilhado, a demonstração do cliente para o testemunho do terapeuta e para si mesmo.

Por isso fenomenologia refere-se a um como (modo) e não a um o quê (conteúdo-de-objeto). Fenomenologia é um modo de proceder (método) no sentido de tomar discursivamente manifesto aos demais aquilo que se toma como tema da investigação, cuidando para receber do tema a indicação do modo de acessá-lo (EVANGELISTA, 2016).

O terapeuta precisa estar atento para garantir ao cliente a liberdade de mostra-se como é, ao invés de esperar que o relato que o paciente faz de suas percepções estejam erradas. A abordagem fenomenológica pretende entrar no mundo do paciente, estar presente com o paciente para compreender o seu mundo, a partir de suas vivências e sentidos. É um fazer descritivo e não explicativo.

Conforme afirma Van den Berg (1955/1994, p. 43, apud Evangelista, 2016, p. 55): “Nada os autoriza a afirmar que a nossa observação é mais verdadeira que a do cliente. Também nossa própria observação prova apenas o que nos parece e o que somos”. O Dasein revela durante a Psicoterapia, a narrativa da sua existência e, também, seu estado de ânimo perante a vida e isto, interfere no modo como a relação terapêutica se estabelecerá e, por isto, espera-se que o profissional compreenda que é o humor sob a perspectiva fenomenológico-existencial.

Entender sobre o humor se faz necessário para a apreensão de um dos caracteres ontológicos da existência e, inclusive, em casos diagnosticados com ansiedade, depressão, transtornos de personalidade, psicoses, entre outros, para que o profissional esteja afinado e sensível, em sua percepção.

Cada Dasein é único em suas compreensões e na leitura que faz dos fenômenos que lhe ocorrem, através da disposição afetiva ou humor e, isto, é o que também torna as escutas clínicas tão diferentes umas das outras. Não há nenhuma existência igual, nenhum modo de lidar ou perceber a vida de forma idêntica, mesmo que em circunstâncias semelhantes. É o que faz a Psicoterapia e em especial, a abordagem existencial-fenomenológica, ainda mais intrigante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso desta monografia, buscou-se responder ao questionamento inicial sobre a implicação dos humores na Psicoterapia Fenomenológico-Existencial. Para isto, mostrou-se necessário recorrer aos autores fundantes desta teoria, como o principal Martin Heidegger, em seu livro *Ser e Tempo*, posteriormente, Sartre seu contemporâneo, em *Um esboço de uma teoria das emoções* e o fenomenólogo clínico Medard Boss.

A retomada dos conceitos fundamentais destes autores se tornou relevante para compreender a noção de homem, os conceitos principais segundo eles e o entendimento do que são as tonalidades afetivas e sua visualização na clínica.

É possível concluir a partir deste estudo que as tonalidades afetivas estão presentes a todo momento na vida do homem e, portanto, na sua relação com o terapeuta, o que influencia na dinâmica dos atendimentos. As evoluções ou restrições no decorrer da terapia revelam a abertura do cliente e a afinação do seu humor no mundo, vivenciadas também na relação terapêutica.

Entende-se, portanto, que existem diversas implicações do humor na prática clínica e chegar a esta conclusão nos coloca diante novas perguntas. De fato, esta característica ontológica do ser está clara para o manejo clínico daquele que se apoia na abordagem fenomenológico-existencial? Uma vez que estamos tratando de humor, como esta afinação é com o mundo é percebida no transtorno afetivo bipolar? Ou na depressão?

Enquanto existirem perguntas, caberá ao psicoterapeuta enveredar-se na busca pela compreensão da temática das tonalidades afetivas do Dasein, para que possa estar presente e sensível às suas diversas manifestações, na relação terapêutica.

REFERÊNCIAS

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves; **Psicologia fenomenológica existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger**. Curitiba: Juruá Editora, 2016. Disponível em: < <https://fdocumentos.tips/document/sartre-jean-paul-esboco-para-uma-teoria-das-emocoes.html> >. Acesso em 15 de maio de 2021.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A Clínica Daseinsanalítica: Considerações Preliminares. **Revista da Abordagem Gestática**, Goiania, v. XVII (1), pág. 30-36, jan.-jun. 2011. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100006 >. Acesso em 20 de maio de 2021.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A clínica psicológica em uma inspiração fenomenológica – hermenêutica. Estudos e Pesquisas em Psicologia UERJ, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, pp. 973-986, 2012. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8232/5993>>. Acesso em 15 de maio de 2021.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo** – Parte I. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit; **Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica**. Brasil: Via Verita Editora, 2011.

ROEHE, M. V.; DUTRA, E. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Revista Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 32 (1), pág. 105-113, out. 2013. Disponível em: <[dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07](https://doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07)>. Acesso em 15 de maio de 2021.

SÁ, Roberto Novaes de; BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares. **A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas**, Campinas, jul.-set. 2011. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/YxnvbDMYQnRZLQTNFBVVRBf/?lang=pt>>. Acesso em 15 de maio de 2021.

SOARES, Marcelo José. A angústia como disposição afetiva em Ser e tempo. Tese (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade de Santa Maria. Santa Maria, 2010. Disponível em: < <http://w3.ufsm.br/ppgf/wp-content/uploads/2011/10/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 20 de agosto de 2021.